



MINHA ILHA FOTOGRAFO EU
ILHA GRANDE DOS MARINHEIROS



Foto: Karla Moroso



O Centro de Direitos Econômicos e Sociais – CDES foi criado no ano de 2001 dentro do ambiente social e político de realização do I Fórum Social Mundial que acontecia na cidade de Porto Alegre naquele ano. O Centro de Direitos Econômicos e Sociais desde o seu início pautou sua atuação na defesa e promoção dos direitos humanos econômicos, sociais, culturais e ambientais, realizando trabalhos e atividades de inclusão social e também assessorando política e juridicamente movimentos de luta pela moradia que existiam em Porto Alegre e também por todo o estado do Rio Grande do Sul, como por exemplo, movimentos sociais, cooperativas habitacionais, associações comunitárias e de bairros. Suas maiores conquistas nesse período foram a de apoiar a consolidação da luta urbana pelo acesso a terra no estado do Rio Grande do Sul, mediante a defesa jurídica de assentamentos informais contra os despejos, a busca da regularização fundiária desses assentamentos e o apoio à produção habitacional de interesse social. A partir do ano de 2011 o Centro de Direitos Econômicos e Sociais – CDES começa a atuar desde uma perspectiva também nacional, procurando alargar mais a sua visão de implementação dos direitos humanos, a partir da conjuntura brasileira atual, elencando o tema dos Conflitos Territoriais Urbanos como seu guia, tendo três focos principais de ação: a prevenção e mediação de conflitos fundiários urbanos; a regularização fundiária e os reassentamentos em função de megaprojetos. O Centro de Direitos Econômicos e Sociais trabalha com uma visão estratégica dos direitos humanos em direção à sua

efetividade, compreendendo ser importante a denúncia e a visibilidades das violações aos direitos, mas apostando forte na construção de alternativas de enfrentamento a essas violações e a busca pela garantia de direitos pelas vítimas das violações.

No Brasil a prática dos reassentamentos ocasionados por mega obras e empreendimentos têm sido motivo de dor e sofrimento para um grande número de pessoas, famílias e comunidades pobres. A obra da Nova Ponte do Guaíba na cidade de Porto Alegre/RS não é diferente. Gerida pelo DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura essa obra promete ser a solução para o constante içamento da atual ponte que faz com que tranque o fluxo do tráfego com a região sul do estado. Atualmente, já é possível ver as bases da Nova Ponte do Guaíba, porém até agora não foi dada nenhuma solução para as aproximadamente mil famílias que deverão ser reassentadas e que residem na Ilha Grande dos Marinheiros, Ilha das Flores e vilas Tio Zeca e Areia. As pessoas, famílias e comunidades atingidas vivem, portanto, vendo a ponte ser construída e crescendo na sua direção sem que saibam qual será o seu destino, qual a política habitacional e até mesmo sem entender porque devem sair de duas casas, no caso da Ilha Grande dos Marinheiros, já que em muitos casos estão fora da faixa de domínio do DNIT. Essas pessoas vivem com informação precária ou quase nenhuma sobre o reassentamento, informação precária ou quase nenhuma de quem serão os atingidos, com total angústia ante a falta de solução para um problema que enfim, não inventaram, porém agora para o senso comum devem liberar o trecho para seguimento da obra, que parece ter prioridade em relação ao direito à vida, ao direito à moradia digna, o direito à cidade e também o direito à memória e a história dessas comunidades atingidas pela obra da Nova Ponte do Guaíba.

Diante dessa realidade, é que o CDES Direitos Humanos juntamente com os moradores atingidos por essa mega obra,

decidiu contar um pouco como é a vida das pessoas que vivem especificamente numa das comunidades atingidas, a Ilha Grande dos Marinheiros. Por meio de uma campanha nas redes sociais, o CDES Direitos Humanos arrecadou 13 máquinas fotográficas digitais de doadores que se solidarizaram com o projeto e doaram sua máquina usada ao CDES. Assim, foi possível realizar o projeto “Minha Ilha Fotografia Eu”. Um projeto que tem como objetivo contar a história de vida dos moradores a partir dos olhares deles mesmos, tirando fotos e colhendo depoimentos. Esse livro é uma parte importante desse projeto e conta com as fotos tiradas e explicadas pelos próprios moradores do seu cotidiano na Ilha Grande dos Marinheiros com pessoas que serão atingidas pela obra.

A prática de um reassentamento é sempre um processo doloroso e triste para as pessoas atingidas e que em sua maioria vivem em áreas irregulares da cidade e no traçado da obra, e são muitas vezes atingidas propositalmente, já que o custo de uma indenização ou reparação é menor nesses casos e não respeita nem ao menos as leis do mercado, muito menos direitos fundamentais sociais, tendo em vista o duro processo de desqualificação da posse e dos próprios atingidos que está no escopo de um reassentamento.

É preciso urgentemente que se inverta a lógica de mega obras e mega empreendimentos e que se coloque os atingidos no centro do processo e não como uma rubrica numa planilha orçamentária, com o objetivo de que se respeite padrões máximos e não mínimos de direitos humanos.

Essa publicação tem, portanto, como objetivo principal ser um GRITO. Um GRITO POR DIREITOS, **UM GRITO POR EXISTIR, UM GRITO POR DIGNIDADE, UM GRITO PELOS FILHOS, UM GRITO PELOS PAIS, UM GRITO PELA CIDADE, UM GRITO PELA VIDA, UM GRITO PELAILHA.**



Foto: Carla Movoso

Era uma vez uma ilha

Era uma vez uma comunidade que vivia em uma ilha e que amava esse lugar.

Era uma vez moradores de uma ilha, que majoritariamente trabalhavam com reciclagem de lixo e eram vistos de forma depreciativa pela população do continente.

Era uma vez uma ponte que seria construída por cima das casas de uma ilha.

Era uma vez famílias que seriam expulsas dos seus lares para a construção de uma ponte.

Era uma vez moradores de uma ilha que lamentavam não poder sequer expor seus pontos de vista sobre o local onde viviam desde que nasceram ou durante a maior parte de suas vidas.

Era uma vez uma ONG que fez uma campanha pelas redes sociais pedindo a doação de câmeras digitais que não eram mais usadas.

Era uma vez doze pessoas que doaram câmeras para um projeto de cunho cultural e social que seria desenvolvido com moradores de uma ilha.

Era uma vez um grupo de pessoas que participou de uma oficina para fotografar a sua ilha, sua natureza, sua rotina e sua história.

Era uma vez um livro que foi feito de fotografias e relatos de moradores que amavam a ilha onde viviam e que estavam prestes a serem expulsos de lá.



Essa imagem representa um outro meio de sustento aqui das Ilhas, que é a pesca. Que além da reciclagem, é como as pessoas, algumas pessoas, conseguem sustentar suas famílias.

Foto: Jeannifer Stephanie M



Minha Ilha

A Ilha Grande dos Marinheiros fica situada à beira da BR 290, porta de entrada para o sul do Estado. Conta com cerca de 4000 habitantes e é a região com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo da cidade.

Muitos a conhecem apenas de nome. Apesar da pouca distância do centro da capital é vista pelos habitantes do centro como algo longínquo, de difícil acesso, como que se as águas do Guaíba impusessem uma distância não só física mais também social.

Por muito tempo a Ilha foi e, ainda é, retratada por diversas lentes fotográficas que captam somente uma população carente que não tem oportunidades. Não enxergam o povo forte, aguerrido e bravo, que não tem medo de pegar no pesado e partir pra luta. Não captam as Neusas, Andréias ou Cristíanes deste lugar.

A importância do projeto "Minha ilha fotografo eu" não está apenas no fato de deixar os moradores da Ilha Grande dos Marinheiros tirarem fotos do seu cotidiano, mas trazer aos moradores a oportunidade de mostrar para os outros sua realidade, seu olhar de uma Ilha bela e cheia de vida. Mostrar que temos o privilégio de acordar ouvindo o canto dos pássaros e a risada das crianças que jogam "bolita" na rua. É principalmente conseguir que o Ilhéu tenha orgulho de ser daqui.

Jeannifer Stephanie M



Agradecimentos

Os moradores da Ilha dos Marinheiros e o CDES Direitos Humanos agradecem as pessoas que apoiaram este projeto, doando as máquinas fotográficas e contribuindo para que a realidade das ilhas pudesse ser retratada a partir do olhar daqueles que vivem, no dia a dia, os desafios postos por uma sociedade desigual e que lutam diariamente pela sua transformação.

Muito obrigada,

Camila Dacol Pasa
Cristiana Otto
Cristiano Santos
Ernaní Míura
Fabio Codevilla
Fernando Waschburger
Francisco Paquilin
Gerson Nunes
Heraída Cyrelí Raupp
Hopí Chapman
Pâmela Berconci
Rosete Beatriz Nunes



Fotos: Nathália Lazzarin